O jardineiro, as rosas e a História

*Antonio Fávero Sobrinho**

O jardineiro é eterno... dizem as rosas. O filósofo francês Fontenelle nos fala de um certo jardim, onde as rosas acreditavam que o jardineiro era eterno. Em Brasília, esta fábula tornou-se realidade, a vida imitou a arte, de maneira trágica. Vejamos como isto aconteceu.

Nos jardins da cidade, quando as rosas despertavam com os primeiros raios de sol da manhã, ele já estava lá. Vermelhas, amarelas ou brancas, não importava, ele dava uma atenção toda especial para cada uma delas. E elas se acostumaram com as suas mãos, com os seus cuidados e com seus carinhos. Por isso, as mais velhas sempre diziam para os botões de rosa que estavam florescendo:

- Enquanto nós, geração após geração, brotamos, somos colhidas e depois fenecemos, o jardineiro está sempre presente, cuidando de nós. A nossa vida é breve e fugaz, mas o jardineiro vive para sempre. Ele é eterno! E assim era a vida naquele jardim. Entretanto, um dia, quando o sol já se fazia alto, as rosas sentiram falta do jardineiro. E elas se perguntavam:

- Onde está o jardineiro? O que aconteceu com ele? Será que ele tirou folga? Ficou doente? Foi demitido? A resposta não tardou em chegar ao jardim. E, quando chegou, veio em forma de tragédia. José, o jardineiro, havia sido assassinado. Com um tiro bem no coração. E, pasmem, a mando do seu próprio patrão. O mesmo patrão que o havia contratado para cuidar das rosas, das plantas, das flores e dos jardins da cidade.

Diante da trágica notícia, as rosas murcharam, de tanta tristeza. Nesse momento de grande dor e consternação, um pequenino botão, lembrando-se das estórias contadas pelas rosas mais velhas, perguntou:

- Mas, o jardineiro não era eterno? Diante desta pergunta, uma rosa, a mais vivida e experiente do jardim, deu uma verdadeira aula de história sobre o significado da eternidade do jardineiro:

- Para nós, que vivemos fugazmente, José era eterno. Mas, a partir de hoje, ele também será eterno para os homens, pois, agora, ele faz parte da História. Não daquela história das elites e dos poderosos, na qual eles se vangloriam de si mesmos, mas, sim, daquela história que vem do cotidiano sofrido do povo.

Por isso, esse dia deverá permanecer na memória de todos: José, um trabalhador que exercia o seu direito de cidadania juntamente com seus colegas de trabalho, tombou diante da violência e brutalidade de um governo indigno. Esse dia jamais poderá ser esquecido, pois é necessário que se cobre dos governantes dignidade e respeito aos trabalhadores, pois não se maltrata ninguém, nem mesmo com uma rosa, muito menos com tiros e violência.

Esta morte jamais poderá ser esquecida para que a indignação ante a injustiça esteja sempre presente na consciência de todos os cidadãos. E, por fim, a sociedade não pode esquecer o que aconteceu com José, pois, mais do que nunca, é necessário continuar lutando por um mundo mais humano, mais justo e, sobretudo, livre das arbitrariedades dos governantes.

---

* Mestre em História Política do Brasil (UnB). Professor da Faculdade de Educação da UnB.
E-mail: afavero@unb.br